

Consequências econômicas de um rei louco

As pessoas que apoiaram Trump deveriam saber que, totalmente liberado, ele inevitavelmente semearia o caos

Por [Martin Wolf](#)

Valor, 16/04/25h0.

“Cortem-lhes a cabeça”. Esta é a frase que a Rainha de Copas, a encarnação do capricho monárquico em “As aventuras de Alice no País das Maravilhas” adora pronunciar. Ela pode ser divertida. A realidade, porém, não é. Ao longo da história, governantes absolutos trouxeram miséria tanto para seus povos quanto para suas próprias famílias. Suas cortes costumam ser focos de bajulação, favoritismo e corrupção. Esse é o preço do despotismo arbitrário.

Na melhor das hipóteses, a história dos povos de língua inglesa, incluindo os Estados Unidos, tem sido a de domar o poder arbitrário. Foi uma luta longa e árdua, que vai da Carta Magna de 1215 ao exílio de James II e a Declaração de Direitos de 1689, passando pela guerra civil do início do século XVII e a execução de Charles I em 1649. Aqueles que condenaram o monarca deposto à morte o consideraram, com razão, culpado de buscar “um poder ilimitado e tirânico para governar segundo sua própria vontade”.

A Declaração de Independência e a ratificação da Constituição dos EUA foram mais um passo nessa guerra contra o absolutismo. O mesmo aconteceu com a guerra civil nos EUA, que estabeleceu o princípio de que ninguém deveria ter poder absoluto sobre outra pessoa.

O que está acontecendo hoje nos EUA é de importância histórica e também significado global, porque está em jogo a sobrevivência dos limites ao exercício arbitrário do poder. Ninguém que tenha conhecimento da catástrofe do século XX pode ignorar a gravidade dessa questão.

Substituir a tirania pelo Estado de Direito - com os tribunais encarregados de interpretá-lo e o Legislativo de formulá-lo - atende tanto a objetivos morais como práticos. Só em um Estado assim, as pessoas podem se sentir seguras contra o despotismo. Um governo que ignora esses limites é uma tirania. Como observa o comentarista Andrew Sullivan: “A América é construída sobre a autoridade legal. Trump é movido por poder bruto. A

América foi fundada com base na fé na razão. Trump confia apenas no próprio instinto”. Estamos testemunhando um ataque cuidadosamente planejado contra a própria República.

Também recebemos uma lição clara sobre os custos econômicos, algo que os apoiadores ricos e poderosos de Trump ignoraram cegamente. Como observei em junho passado, “Biden pode ser velho. Mas Trump é louco e, infelizmente, não é um louco divertido. É um louco perigoso. Os instintos de Trump também são os de um ditador”. E, de fato, foi exatamente isso que se confirmou.

As guerras comerciais que Trump iniciou são uma demonstração clara dos perigos envolvidos. De forma impressionante, o “monitor de tarifas” do “Financial Times” lista 25 anúncios relevantes de política comercial feitos pelos EUA e pelos países que têm sido alvos dessas medidas - tudo isso em menos de três meses. Entre os dias 2 e 11 foram sete anúncios importantes, incluindo tarifas “recíprocas” aplicadas a todos os países em 2 de abril, a posterior redução dessas tarifas para 10% por 90 dias, depois das turbulências que elas provocaram nos mercados. O ciclo de retaliações entre os EUA e a China, por sua vez, levou a tarifas proibitivas de ambos os lados.

Também vimos uma queda nos preços das ações, uma volatilidade elevada no mercado e, ainda mais perturbador, a queda do dólar mesmo com os rendimentos dos títulos do Tesouro subindo. Parecia que o capital começava a fugir dos próprios EUA. Não admira que Trump tenha recuado. Ao tentar “tarifar” o mundo inteiro, ele deveria ter levado em conta que, no final de 2024, estrangeiros detinham US\$ 8,5 trilhões em títulos do Tesouro americano, quase um quarto de toda a dívida pública do país.

A maneira como Trump está operando sua guerra comercial levanta preocupações ainda maiores do que as questões econômicas do protecionismo em si. Sim, as tarifas são um instrumento de política ruim: elas impõem um forte viés pró-mercado interno na produção de bens comercializáveis e uma carga tributária elevada sobre as exportações - indireta (via valorização da taxa de câmbio real) e direta (via alta nos preços dos insumos).

Ainda mais grave dos que os efeitos econômicos das tarifas, é a maneira como elas estão sendo usadas hoje. Tarifas são impostos. Na década de

70, o Congresso concedeu de forma imprudente ao presidente o poder de impor esses impostos a seu bel-prazer, em resposta a uma “emergência” - ainda que imaginária. Isso é despotismo clássico. Agora, sem surpresa, Trump está explorando esse poder para criar o caos. Ninguém em sã consciência pode acreditar que isso levarás à reindustrialização dos EUA. Na verdade, o resultado será uma paralisação dos negócios, o aumento dos preços e a desaceleração da economia.

Evitar esse caos foi um dos benefícios de acabar com o poder arbitrário. No fim do século XVII, o Estado britânico se tornou capaz de tomar empréstimos de grandes somas por longo prazo e baixo custo. Esse foi o fruto da confiança. Foi uma das bases do florescimento das finanças nos séculos XVIII e XIX. Isso, por sua vez, foi um poderoso estímulo à revolução industrial e ao posterior aumento da prosperidade.

Déspotas imprevisíveis geram desperdício, medo e uma incerteza generalizada - inimigos declarados da prosperidade. As guerras comerciais voláteis de Trump e a demolição do sistema comercial global estão demonstrando isso em tempo real.

Agora, espera-se que os EUA firmem acordos comerciais com mais de 180 países em cerca de 84 dias. Isso é ridículo. Mesmo que tais “acordos” forem fechados, eles durarão? É duvidoso. Como as empresas podem planejar investimentos de longo prazo em meio ao caos que estão vendo? Afinal, as empresas pensam em termos de anos, e não dias. Com toda a sua burocracia partidária, a China de Xi Jinping agora oferece mais previsibilidade para as empresas do que os EUA. Isso é chocante. E escandaloso. As pessoas que apoiaram Trump deveriam saber que, totalmente liberado, ele inevitavelmente semearia o caos.

O culto ao “homem forte” é uma tolice recorrente. Sabemos que o poder absoluto não deve ser confiado a ninguém, e menos ainda aos demagogos que o almejam. A única coisa boa que as políticas de Trump estão conseguindo é demonstrar isso mais uma vez. Elas são prenúncio de caos. O desafio do mundo será sobreviver a essa loucura. O dos EUA, pôr fim a ela. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Martin Wolf é o principal comentarista econômico do Financial Times.